

## SEMINÁRIO DE TEXTOS DE AUTORES CISTERCIENSES MEDIEVAIS

A.

Bernardo de Clairvaux nasceu em 1090 no castelo de Fontaine-Lès-Dijon na Borgonha. Filho de Tesselino e Aletta di Monthbard, de família nobre e cristã. Após a morte da mãe, ainda jovem, sente fortemente o chamado de Deus. Em 1112, acompanhado de mais trinta jovens bateu a porta de Cîteaux, fundado em 1098 por São Roberto. Em 1116 com a idade de vinte e seis anos foi ordenado sacerdote e no ano seguinte recebeu a benção abacial em Chiaravalle. Morreu em 20 de agosto de 1153, circundado de seus filhos espirituais. Em 1174, o papa Alessandro III o elevou as honras dos altares. (EGRES, O. J., *San Bernardo di Clairvaux*, Casamari, Frosinone 1989, 9-111).

B.

BERNARDO DE CLAIRVAUX, *Sermones sobre el Cantar de los Cantares*

C.

Fiel es el corazón de quien ama

«Gran cosa es el amor; pero tiene sus grados. El de la esposa está en cumbre. Porque los hijos aman, pero pensando en su herencia; y cuando temen perderla de alguna manera, reverencian y aman menos a aquel de quien esperan recibirla. Me resulta sospechoso un amor que espera recibir algo distinto de sí mismo. Muy débil es el amor si cuando lo privas de lo que espera, se extingue o se enfría. Y es impuro el amor que desea otra cosa. El amor puro no es mercenario. El amor no recibe su fuerza de la esperanza, pero tampoco se resiente por la desconfianza. Este es el amor de la esposa, porque es esposa, cualquiera que sea. El patrimonio de la esposa y la esperanza forman un amor único. La esposa desborda de él y con eso está satisfecho el esposo. Ni éste busca otra cosa, ni ella posee otra cosa. Por eso él es esposo y ella esposa. Es propio de los esposos y no lo iguala ningún otro, ni el de hijos.

Finalmente dice a los hijos: ¿Dónde queda mi honor? Y no: « ¿dónde queda mi amor? », reservando a prerrogativa para la esposa. El hombre debe honrar a su padre y a su madre, pero no se le prescribe el amor; no porque los hijos no deban amar a sus padres, sino porque muchos hijos se mueven más a honrar a sus padres que a amarlos. Concedo que el honor del rey ame la justicia; pero el amor del esposo y más el Esposo-amor solo busca la correspondencia y la fidelidad del amor. ¿Cómo no va a amar la esposa y más la Esposa-amor? ¿Por qué no amar al Amor? ».

(BERNARDO DE CLAIRVAUX, *Sermones sobre El Cantar de los Cantares*, 83, in *Obras Completas de San Bernardo*, Vol. V, ed. J. M. De la Torre, Madrid 1989, 1031-1032).

D.

Tradução em português

«Grande coisa é o amor, mas tem seus degraus. O da esposa está no cume. Porque os filhos amam, porém pensando na sua herança; e quando temem perdê-la de alguma maneira, reverenciam e amam menos aquele de quem esperam recebê-la. Resulta-me suspeitar de um amor que espera receber algo distinto de si mesmo. Muito débil é o amor quando o privam daquilo que espera, ou ele se extingue ou se esfria. E é impuro o amor que deseja outra coisa. O amor puro não é mercenário. O amor não recebe sua força da esperança, nem tampouco se resiste pela desconfiança. Este é o amor, porque é esposa qualquer que seja. O patrimônio da esposa e a esperança formam um único amor. A esposa transborda dele e com isso o esposo se satisfaz. Nem ele busca outra coisa, nem ela possui outra coisa. Por isso, ele é esposo e ela esposa. É próprio dos esposos e não o iguala a nenhum outro, nem mesmo o dos filhos.

Finalmente diz aos filhos: Onde fica minha honra? E não: “Onde fica meu amor?”, reservando a prerrogativa para a esposa. O homem deve honrar seu pai e sua mãe, porém, o amor não vem prescrito; não porque os filhos não devam amar a seus pais, senão porque os filhos preferem mais honrar os seus

pais a amá-los. Concedo que o louvor ao rei ame a justiça; mas o amor do Esposo, ou melhor, o Esposo-amor somente procura a resposta do amor e a fidelidade. Seja permitido à amada corresponder o amor! Por que a esposa e esposa do Amor não deveriam amar? Por que não seria amado o Amor? ».

E.

*Grande coisa é o amor!* A essencialidade do amor vem prescrita neste texto de S. Bernardo que exalta o amor dos esposos, porque é amor; e encerra todos os desejos de suas vidas sem haver outra coisa que amar, e somente amar. A superioridade desse amor é também enfatizada quando ele fala do amor dos filhos, que se encontra muito abaixo do amor dos esposos e que não se iguala a nenhum outro amor, nem mesmo o dos filhos.

É interessante notar que Bernardo usa vinte e duas vezes a palavra Amor. Mas nem sempre o amor vem aplicado como um verbo. O amor, no final do texto aparece com um sentido metafórico, quando fala do Esposo, sendo ele o Amor, ou melhor, o *Esposo-Amor*.

Ao sublinhar neste trecho a maneira de como amam os esposos e de como amam os filhos, Bernardo fala de um único amor, e esse amor do qual nos fala possui um sentido alegórico. Trata da relação de Cristo, que simbolicamente aparece como o Esposo, com a Esposa que também é um elemento simbólico que representa a Igreja, e num âmbito semântico será citada por Bernardo no último parágrafo como a *amada*, ou seja, a *Esposa do Amor*.

Outro elemento simbólico que se refere Bernardo são os *filhos*, porque também eles têm como objeto o Amor; porém, são levados a viver um amor diverso daquele que deva ser o amor dos esposos. Esses filhos representam a relação humana de Cristo com a Igreja, ou seja, a nossa humanidade, que são todos os fiéis batizados, que por uma graça especial recebem como herança por meio do amor que transborda do coração da esposa.

Porque a esposa não busca outra coisa que não seja amar, então, ela não pode dá aos filhos outra coisa que não seja o amor. E o que é esse amor que a própria esposa tem que transmitir a seus filhos? Sem sombra de dúvida, Bernardo fala do próprio Cristo que deve ser antes de tudo amado e depois honrado. Eis porque o esposo fica contente com a sua esposa, como uma boa madre ela dá essencialmente aquilo que precisa o filho, o Amor.

A escala desse amor se expressa de modo diferente, porque sendo Esposa, é próprio dela a fidelidade, e é essa a resposta que espera sempre o esposo, e o amor da esposa não muda porque é puro na sua essência. Eis porque o seu amor tem precedência a todos os outros, porque não comporta outra coisa que não seja o amor do esposo, por isso é puro, porque o Esposo é o puro amor.

Porém, o amor dos filhos vem descrito com alguns matizes que difere do amor da esposa. Esse por sua vez, possui um elemento que é significativo, e que em nenhum outro momento aparece na relação dos esposos, ou seja, a *desconfiança*. Esse adjetivo colocado no modo de ser do filho faz a diferença do modo de amar da esposa, porque segundo S. Bernardo a esposa confia plenamente no esposo, porque ela não deseja outra coisa que não seja o amor do esposo.

E aqui entra aquilo que se diz ser central no texto, que é a *fidelidade do amor*. A palavra é descrita uma única vez por S. Bernardo, para contrapor a desconfiança dos filhos, quando estes *esperam receber algo distinto*, ou seja, algo que não é o amor. E segue a descrição de um antônimo: puro e impuro. Para Bernardo, o que é puro? E o que é impuro?

Puro é o amor entre os esposos, porque vem alicerçado por uma esperança, que *formam um único amor*. E aqui encontramos uma fonte bíblica para nosso texto: "Por isso o homem deixa o seu pai e sua mãe para se unir à sua mulher; e já não são mais que uma só carne" (Gn 2,24). S. Bernardo diz também que *o amor puro não é mercenário*, esta afirmação nos leva a pensar naquilo que diz o Apóstolo Paulo: "O amor não busca os seus próprios interesses" (1Cor 13,5).

Impuro, então será o afeto desordenado do filho, que dirá S. Bernardo de tal afeto: "*Resulta-me suspeitar desse amor que espera receber algo distinto de si mesmo*". Quando um amor é puro, não sujeita jamais uma desconfiança, porque verdadeiramente é fiel, e tal afeto é incapaz de desejar outra coisa que ser amado pelo Amor. Por isso a pergunta que é fixada ao filho é: *Onde fica a minha honra? E não, onde fica o*

*meu amor?* Convém, portanto, que o amor seja por excelência um verdadeiro afeto que brota do coração da esposa, e a honra seja devida ao filho, ou seja, da alma que continuamente busca a Deus num caminho de perfeição, que escuta os seus mandamentos e coloca em prática como diz nas Escrituras: "Honra teu pai e tua mãe, para que teus dias se prolonguem sobre a terra que te dá o Senhor, teu Deus" (Ex 20,12). E ainda: "honra teu pai e tua mãe, amarás teu próximo como a ti mesmo" (Mt 19,19).

Essas e outras sentenças estão contidas na sagrada Escritura para que por meio delas possamos alcançar a graça de amar em plenitude. A Igreja que é mãe e que é esposa não deixa de instruir os seus filhos com os mandamentos. Quem ama a Deus, segue os seus mandamentos, e o maior deles é Amar a Deus sobre todas as coisas. S. João vai dizer no quarto evangelho que "*Deus é amor*".

E o quarto mandamento nos recorda da honra devida a nossos pais. E para nós monges que seguimos uma Regra e um Abade, essa lei é válida, porque abandonando a casa paterna, livremente abraçamos uma nova família que temos como pai um Superior e como madre uma Superiora. E aqui entra a honra que é devida a Deus, porque o superior faz às vezes de Cristo.

Devemos nos deixar instruir como diz S. Bernardo: "*Por que não amar o Amor?*". "*Deus é amor*".

Isto não vale só para nós monges, mas para todos os fiéis batizados que foram selados com um sinal perene, e que nos faz de nós uma só família, gerados no seio de uma única mãe que é a Igreja e filhos de um mesmo Pai, que Cristo nos ensinou a chamar: *Pai Nosso*.